

A outremização¹ em *O Menino do Pijama Listrado*

Othering in the *Boy in the Striped Pyjamas*

Lígia Ribeiro de Souza Zotesso*

Thomas Bonnici**

Vera Helena Gomes Wielewicki***

Resumo: O objetivo desse artigo consiste em elaborar uma análise, fundamentada em teorias Pós-Coloniais, do livro do autor irlandês John Boyne, *O Menino do Pijama Listrado* (*The Boy In The Striped Pajamas*, 2006), em que a reflexão sobre a outremização na relação nazistas-judeus será o tema central. Para a análise, aplicam-se os tipos de outremização exemplificados por Spivak (1985) e nomeados da seguinte forma por Bonnici (2005): *exploração física do território, denigração do nativo e hiato entre colonizador e colonizado*. Como suporte para a análise, serão utilizados teóricos em estudos Pós-Coloniais como Spivak (1985) e Bhabha (1991).

Palavras-chave: Outremização. Holocausto. Teoria pós-colonial.

Abstract: The aim of this paper is to analyze how othering is reflected in the relationship between Nazis and Jews in the novel by the Irish author John Boyne, *The Boy in the Striped Pyjamas* (2006). The paper also intends to investigate Spivak's type of othering (1985) exemplified by Bonnici (2005): physical exploration of the territory, denigration of the native and the gap between colonizer and colonized. As support for the analysis the theoretical studies about Post-Colonial theory such as Spivak (1985) and Bhabha (1991) will be used.

Keywords: Othering. Holocaust. Post-colonial theory.

¹ Termo apresentado por Spivak (1987) e utilizado em Estudos Pós-Coloniais com a finalidade de diferenciar o sujeito colonizador do sujeito colonizado por meio do discurso. Na teoria Pós-Colonial, o *Outro* é o centro imperial que fabrica o *outro* através do discurso colonial. Neste discurso o *outro* adquire a identidade de "dependente", "filho marginalizado" do império, devido à imagem que o colonizador constrói do nativo/escravo, como preguiçoso, depravado, mentiroso entre outros termos (BONNICI, 2005). Com isso, compreende-se o termo *Outremização* como um ato de outremizar (outro: (ele) diferente de quem fala), ou seja, de referir-se ao *outro* como alguém desconhecido para aquele que se impõe diante do discurso, em outras palavras, daquele que fala.

* Mestranda. Universidade Estadual de Maringá, UEM. E-mail: lakoviski@hotmail.com.br.

** Professor doutor. Universidade Estadual de Maringá, UEM. E-mail: bonnici@wnet.com.br.

*** Professora doutora. Universidade Estadual de Maringá, UEM. E-mail: avgomes@onda.com.br

Introdução

O livro *O Menino do Pijama Listrado (OMPL)*, do escritor irlandês John Boyne recupera o contexto histórico do Holocausto em que judeus foram subjugados pelos nazistas através de torturas físicas, psicológicas e políticas, almejando seu extermínio, durante a Segunda Guerra Mundial. E como o objetivo deste artigo é investigar, em *OMPL*, os tipos de outremização propostos por Spivak (1985), pretende-se estabelecer o processo da outremização entre a relação nazistas-judeus através de dois personagens centrais: Bruno (menino alemão) e Shmuel (menino judeu), com base em teorias Pós-Coloniais.

Durante décadas houve povos que experimentaram o colonialismo e sofreram o processo da outremização pelos quais o poder imperial dominava e marginalizava o outro através do discurso. Com o propósito de relatar essas experiências e, ainda, como resposta ao colonizador, a literatura pós-colonial possibilita estudos sobre as consequências políticas, filosóficas, artísticas e literárias implantadas pelo colonialismo em países colonizados (BONNICI, 1998, p.7).

O livro *OMPL*, descrito como fábula pelo próprio autor John Boyne, nascido em Dublin, Irlanda, em 1971, foi publicado em 2006 na Irlanda e teve sua recepção no Brasil em 2008, com a tradução de Augusto Pacheco Calil.

OMPL é sobre um menino de nove anos, chamado Bruno, que vivia com sua família em Berlim. O fato de seu pai ser um oficial nazista fez com que seu superior “Fúria” (forma como Bruno chama o *Führer*) lhe confiasse o campo de concentração de Auschwitz e isso resultou na mudança de Bruno com toda a família de Berlim para a Polônia.

Bruno se entristece ao notar a ausência dos amigos em seu novo lar e tenta convencer a mãe de que a mudança é um erro. A mãe, já irritada, pede a ele que ajude a criada a desfazer suas malas. Após alguns momentos no quarto, ele resolve olhar pela janela e descobre que há outras pessoas naquele lugar, usando pijamas listrados. Bruno tenta descobrir quem são as pessoas que ele avista da janela de seu quarto perguntando a seu pai, mas recebe uma resposta que não o satisfaz.

Mesmo sabendo dos riscos de ser descoberto, Bruno segue em direção das pessoas que ele vê usando os pijamas listrados, mas descobre antes uma cerca. Quando Bruno se aproxima, encontra um garoto sentado e cabisbaixo:

O garoto era menor do que Bruno e estava sentado no chão com uma expressão de desamparo. Ele vestia o mesmo pijama listrado que todas as outras pessoas daquele lado da cerca, e um boné listrado de pano. Não tinha sapatos ou meias, e os pés estavam um pouco sujos. No braço ele trazia uma braçadeira com uma estrela desenhada. (BOYNE, 2008, p. 95-96).

No primeiro momento Bruno não sabe qual atitude deve tomar, mas resolve começar com um “Olá”, na esperança de que uma longa e prazerosa conversa pudesse se desenrolar. Afinal, o propósito de Bruno é encontrar algum amigo.

Apesar da bela amizade formada entre os dois meninos, há um problema: o menino do outro lado da cerca é judeu e nesse momento toda e qualquer pessoa que não possui sangue ariano é levada e torturada em campos de concentração e, segundo a fala do nazista Ralf, o pai de Bruno: “[...] na verdade elas não são pessoas [...]”. (BOYNE, 2008, p.52).

Tendo por referência a amizade entre as crianças Bruno e Shmuel, pretende-se analisar a relação nazistas-judeus por meio dos tipos de outremização citados por Spivak (1985).

1. Tipos de Outremização

Os tipos de outremização são termos utilizados em teorias Pós-Coloniais e significam um processo, proposto por Spivak (1985), pelo qual o discurso imperial constrói o sujeito e o força a adquirir uma identidade dependente do sujeito dominante. Este sujeito construído pelo discurso imperial é excluído e, ao mesmo tempo, objetificado pelo império.

A teoria Pós-Colonial exemplifica o processo de outremização por meio dos termos desenvolvidos por Lacan (1968, apud BONNICI, 2000): “OUTRO” e “outro”. Com o termo “outro” tem-se a ideia da criança que se olha no espelho e se reconhece como um ser distinto, ou seja, assemelha-se à imagem refletida, mas não se identifica por meio dela. Este processo exemplifica a identidade adquirida do sujeito subalterno na teoria Pós-Colonial, que se distancia e se reconhece como um ser diferente do centro através do discurso imperial.

O termo “OUTRO” corresponde ao discurso colonial que o império estabelece sobre o sujeito dominado, reprimindo suas ideologias maternas e constituindo uma nova identidade voltada para o império. Com essa imposição, o sujeito colonizado começa a existir pelo discurso colonial como um ser excluído e marginalizado pelo poder.

O processo de outremização proposto por Spivak (1985) e os termos “OUTRO” e “outro”, citados por Lacan (1968, apud BONNICI, 2000, p. 133), podem ser reconhecidos em *OMPL*, se compararmos o colonizador com os nazistas e o colonizado com os judeus, assim representados, nazistas – OUTRO, e judeus – outro. Sabemos que a questão do Holocausto é bastante complexa, o que resultaria em uma ampla discussão, mas que não terá continuidade neste artigo, pois este propõe-se apenas a um recorte.

Para dar continuidade à seguinte análise do livro *OMPL*, é importante observar como Spivak (1985) estabelece os três tipos de outremização, nomeados da seguinte forma (apud BONNICI, 2005, p. 44):

. A exploração física do território

Este tipo de outremização, em teorias Pós-Coloniais, significa o momento em que o Colonizador (OUTRO) reprime o colonizado (outro), e que pode ser representado em *OMPL* pelos judeus no momento em que foram arrancados de suas casas e trancafiados em campos de concentração pelos nazistas.

Durante uma das conversas entre os garotos, Shmuel comenta sobre o trem que o transportou até a prisão de Auschwitz, o que nos faz compreender as péssimas condições impostas aos judeus ao serem levados a campos de concentração: “O trem era horrível”, disse Shmuel. “Havia muitos de nós nos vagões, para começar. E não havia ar para respirar. E o cheiro era terrível.” (BOYNE, 2007, p.115).

O propósito desse cárcere na própria terra significa o poder que o nazista (OUTRO) quer impor sobre os judeus (outro), sendo uma garantia de inibir o prisioneiro e mostrar a ele quem realmente manda.

A exploração física do território é uma forma de mostrar também que o poder do OUTRO sobre o outro já está ganho e que o outro é um ser sozinho no(do) mundo, que não possui mais a sua casa, seu lar, seu refúgio.

. A denigração² do nativo

É outro termo utilizado na teoria Pós-Colonial para descrever a forma como os colonizadores se dirigem aos colonizados. Este termo também pode ser aplicado à obra *OMPL*, na qual o discurso nazista preenche as ideologias dos mais jovens, como Gretel, irmã de Bruno. Para a menina, o discurso nazista forma uma ideologia fechada atribuindo superioridade à sua “raça”, resultando na marginalização dos judeus (outro) com adjetivos degradantes.

A denigração ou degradação é a forma como o colonizado (outro) é construído. Para isso, necessita-se da imposição de um discurso produtor da “verdade”, o qual é mantido sob o controle do colonizador (OUTRO), que se julga poderoso, civilizado, culto e forte, descrevendo seu subalterno como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, um objeto que pode ser controlado pela classe dominante. (BONNICI, 2009).

Em *OMPL*, a degradação do sujeito pode ser transportada, principalmente, nas figuras do oficial nazista Ralf, de sua filha Gretel e do professor Herr Listz, os quais marginalizam os judeus, sendo que o pai, Ralf, os descreve como não pessoas.

A forma como é descrito o judeu pelo seu repressor (nazista) resulta em um hiato, ou seja, a cerca que representa a separação entre os nazistas (OUTRO) e os judeus (outro).

. O hiato - Nazistas (OUTRO) / judeus (outro)

O hiato é também uma das formas de outremização utilizada no período Pós – Colonial e que, remetida ao contexto histórico do livro *OMPL*, pode significar a cerca que representa o ódio dos nazistas pelos judeus, simbolizando a denigração efetuada pelo nazista em relação ao judeu comparado a um cão preso, já que os judeus são considerados como de outra “espécie” e não da “espécie humana”.

² O termo *denigração do nativo*, proposto por Spivak (1987), é um tipo de outremização utilizado em estudos Pós-Coloniais e se refere ao ato de denegar, negar, denegrir, manchar a imagem do nativo/escravo através do discurso colonial. Enquanto o ato de outremizar, expõe o *outro* (sujeito colonizado) como alguém não apropriado ao ambiente daquele que fala (colonizador) através do discurso, a denigração é o próprio discurso construído com palavras que atribuem ao colonizado julgamento de valores que o excluem do poder colonial.

De acordo com Bonnici (2007), o hiato é a omissão, pelo narrador, de certas informações, as quais, no entanto, podem ser interpretadas através das ausências. Se remetermos o conceito de hiato à narrativa de *OMPL*, podemos perceber o ódio dos nazistas pelos judeus através, principalmente, do símbolo da cerca, que determina a distância entre os dois lados: colonizador *versus* colonizado, nazistas *versus* judeus.

Com base nestes tipos de outremização fundamentados em teorias Pós-Coloniais, faremos, nos próximos itens, uma análise da obra *OMPL*, aplicando os referidos termos e conceitos à relação entre os nazistas e os judeus.

2. Outremização em *OMPL*

2.1 Exploração Física - *Worlding*

O termo *exploração física*, assim nomeado por Bonnici (2005) e referido por Spivak (1985) como *worlding*, é utilizado para a literatura Pós-Colonial significando a apropriação que o colonizador faz do território do colonizado, com o intuito de mostrar seu poder sobre aquele povo, ou seja, “... o sujeito colonial está mostrando ao nativo quem realmente manda naquele espaço” (BONNICI, 2005, p. 265).

Ao estabelecer-se este termo para *OMPL*, pode ser percebido que o oficial nazista Ralf é mandado à Polônia com o objetivo de comandar o campo de concentração de Auschwitz, em que os prisioneiros são judeus poloneses, ou seja, os judeus estão presos em seu próprio espaço. E isso comprova que seu território foi dominado pelos nazistas a fim de mostrarem seu poder e, principalmente, impor aos judeus (subalterno) que eles não têm mais o seu lar/refúgio. Como pode ser percebido com o relato de Shmuel:

Antes de irmos para cá eu morava com minha mãe e meu pai e meu irmão Josef num pequeno apartamento sobre a loja onde papai fazia seus relógios. [...] E então as coisas mudaram novamente. Cheguei em casa um dia, e a mamãe disse que não poderíamos mais morar na nossa casa [...]. (BOYNE, 2008, p. 112 - 113).

No relato acima e durante a leitura de *OMPL*, podemos perceber que, depois de aprisionarem os judeus em campos, os nazistas impunham sua autoridade e estabeleciam seu poder por meio de exploração máxima de trabalhos

braçais. Sabe-se ainda que durante o Holocausto ocorreram torturas físicas, principalmente através de experimentos biológicos em que médicos nazistas cometiam atrocidades, com o objetivo de “melhorar a raça humana”, e tudo isso resulta na denigração dos judeus pelos nazistas, para quem os judeus não são seres humanos.

Em *OMPL*, o campo de concentração é descrito por Bruno e Gretel, quando o descobriram da janela do quarto, como “assustador”:

A cerca era muito alta, ainda maior do que a casa na qual estavam, e havia imensos mourões de madeira, como postes telegráficos, distribuídos ao longo dela, mantendo-a de pé. Sobre a cerca havia grandes rolos de arame farpado entrelaçados em espirais. [...] Não havia grama do outro lado da cerca; na verdade não havia verde algum. Em vez disso, o chão parecia feito de uma substância arenosa [...] cabanas baixas e prédios quadrados e amplos espalhados pelos arredores, e uma ou duas colunas de fumaça ao longe. (BOYNE, 2008, p. 35)

Mais adiante podemos constatar a percepção que as duas crianças têm das pessoas presas no campo:

[...] viam pessoas altas e baixas, velhas e jovens, todas perambulando. Algumas ficavam imóveis em grupos, as mãos ao lado do corpo, tentando manter a cabeça erguida [...]. Algumas formavam uma espécie de corrente, empurrando carrinhos de mão de um lado da instalação até o outro [...]. Algumas permaneciam perto das cabanas em grupos silenciosos, sempre olhando para o chão [...]. Outras usavam muletas e muitas tinham ataduras em torno da cabeça. Algumas carregavam pás [...]. (BOYNE, 2008, p. 39)

Notamos que o campo, além de manter estas pessoas presas, sob trabalhos forçados, em péssimas condições de higiene e vítimas de fome, está construído em território pertencente aos próprios prisioneiros, judeus marginalizados e degradados pelos nazistas, o que significa que o campo de concentração é visto como delimitação espacial do subjugado. Por exemplo, o menino judeu Shmuel, que está preso em seu território, a Polônia, confirma esta situação em um diálogo com Bruno “[...] Mas aqui é a Polônia [...]” (BOYNE, 2008, p. 101).

2.2 Denigração do Nativo

O ato de denigração pode ser representado em *OMPL* por meio do oficial nazista Ralf, o pai de Bruno, que classifica os judeus como “[...] elas não são pessoas [...]” (BOYNE, 2008, p.52). Esse discurso que descreve o povo judeu reflete-se, principalmente, no comportamento de sua filha Gretel, irmã de Bruno.

Após algumas aulas com o professor Herr Listz, ouvir os comentários do tenente Kotler e, ainda, os de seu pai Ralf, Gretel resolve guardar todas as suas bonecas e pendurar mapas da Europa na parede de seu quarto, além de comentários sórdidos que ela faz a Bruno durante os raros momentos de diálogos entre ambos, referindo-se às pessoas que avista da janela. “[...] com a sua própria laia” (BOYNE, 2008, p.159), “Não são o tipo de criança com quem eu gostaria de brincar [...] Elas parecem imundas [...]” (BOYNE, 2008, p. 39-40).

Segundo Foucault (1995), o discurso é uma das formas de impor/ estabelecer o poder sem que o outro se julgue fora do discurso central. Esse discurso produz a “verdade” e impede que outras “verdades” sejam consideradas. Em *OMPL*, o discurso de poder é representado pelos nazistas, que impõem regras e excluem todo e qualquer tipo de discurso que não esteja de acordo com sua ideologia, resultando na marginalização do sujeito judeu. Esse discurso nazista divide a opinião de Bruno entre aceitar a ideologia de seu pai, sua irmã, seu professor e também do tenente Kotler, ou formar seus próprios conceitos sobre o amigo judeu, o garoto Shmuel, a partir da amizade que tem com ele.

Sabemos que a formação da identidade baseia-se nas relações que o indivíduo mantém com outras pessoas, e que, segundo Hall (2000), a sociedade exerce uma forte influência na formação da identidade cultural do indivíduo.

Mediante essa concepção, percebemos que Bruno pertence à ideologia nazista, pelo fato de ser filho, irmão e aluno de nazistas. Mas, ao mesmo tempo, ele estabelece uma conexão com a outra identidade, e isso influencia em seu modo de “ver”, valorizar e descrever quem é este “outro” que não pode viver sob as mesmas condições que ele, como ocorre com o amigo Shmuel, que não pode sair do outro lado da cerca. Como resultado de suas observações, Bruno questiona por que a “família” (generalizando os judeus do campo de concentração) do amigo ofereceria risco?

Apesar dessas concepções nos remeterem a uma sutil impressão de que Bruno é defensor do amigo, consideramos que, por meio de seu comportamento, ele não aceita a forma como as pessoas ao seu redor discriminam os judeus, pelo fato de Shmuel ser a única pessoa presente com quem ele pode conversar. Porém, Bruno mantém uma “amizade escondida” e, ao mesmo tempo, utiliza-se dessa amizade para satisfazer seus próprios “caprichos”, ou seja, tem ali presente uma pessoa para ouvi-lo, já que não tem um relacionamento adequado com sua irmã. Um exemplo de que esta é uma “amizade interessada” é quando ele oferece comida à Shmuel mas, ao ser descoberto, não assume seu ato e nega o amigo:

O menino olhou primeiro para a comida em sua mão e depois para Bruno como olhos arregalados e agradecidos, porém aterrorizados [...]. Bruno sorriu de volta e estava prestes a oferecer-lhe mais um pouco de comida, quando o tenente Kotler reapareceu na cozinha e se deteve ao ver os dois meninos conversando. [...] “Andou comendo, sim”, insistiu o tenente Kotler. Shmuel abriu a boca e a fechou: “Não, senhor. Foi ele quem me deu”. [...] o tenente Kotler, olhando confuso para Bruno do outro lado da cozinha [...] “Como assim, ele é seu amigo? Conhece este menino, Bruno?”. “[...] Nunca falei com ele,” disse Bruno imediatamente. “Nunca o vi antes em minha vida. Não o conheço.” (BOYNE, 2008, p. 148 –150).

Bhabha (1991) afirma que o objeto da construção do sujeito é fruto do discurso colonial. O sujeito colonizado torna-se o objeto do império controlado pelo colonizador, possuidor do saber e da verdade que é estabelecida com o discurso central. Segundo Althusser (1984, apud ASHCROFT, 1998), o sujeito é construído pela ideologia pela qual a classe dominadora, além de dominar, fabrica as ideias e as exercem sobre o colonizado, e essa ideologia passa de pai para filho e constitui a identidade do indivíduo.

É possível estabelecer uma ligação do aparelho ideológico de Althusser (1984, apud ASHCROFT, 1998) com o livro *OMPL*, no momento em que a ideologia formada pelo pai de Bruno influencia na ideologia de sua irmã Gretel, que constrói a imagem do outro de acordo com os ensinamentos que o pai e o professor estabelecem, mesmo que ela não compreenda o significado da degradação que os nazistas executam contra os judeus.

Portanto, podemos afirmar que a identidade é estabelecida por meio das influências ideológicas que o sujeito adquire através do contato com outros

indivíduos, possibilitando a formação da identidade cultural que corresponde ao comportamento da pessoa e a direciona às novas etapas do conhecimento. O discurso é o responsável por materializar a ideologia estabelecida pela sociedade ao indivíduo, na qual produz o efeito de verdade e reprime o indivíduo em relação a outras verdades. E essas concepções nos proporcionam ainda observar em *OMPL* que a denigração dos judeus ocorre não apenas por meio de insultos verbais, mas também por meio de atos de violência, em que os judeus são expostos para que, enfim, os nazistas possam mostrar a todos que eles realmente mandam nessa “raça” diferente e inferior à sua.

2.3 Hiato

Neste artigo, o hiato é o último termo de outremização a ser trabalhado, o qual se refere à distância entre colonizador e colonizado, com base em teorias Pós-Coloniais. Cabe ressaltar que Boyne (2008) não “carrega” no enredo de *OMPL* com depoimentos reais do Holocausto, mas nos permite compreender o significado da cerca.

Na narrativa de *OMPL*, o hiato representado pela cerca separa os nazistas e os judeus. Este entremeio resulta do ódio que os nazistas sentem pelos judeus, distanciando-os e impondo uma barreira que estabelece quem é dominador (nazistas) e quem é o dominado (judeus).

Ao analisar a imagem de Bruno, percebemos um hiato que pode ser compreendido se observarmos o fato de ele “conhecer” a posição dos nazistas (OUTRO) e dos judeus (outro), ou seja, Bruno é um sujeito que vive o entremeio da relação entre nazistas e judeus, resultando em um sujeito híbrido e com uma visão ampla devido à sua fragmentação, estabelecida por meio da convivência com o poder nazista e com o outremizado judeu.

A cerca é o símbolo-chave no livro, pois, além de representar este “entremeio” que separa nazistas e judeus, ela nos remete ao conceito de sujeito fragmentado. Bruno, quando rompe com as regras e busca o outro lado, percebe que há um mascaramento cultural por meio do discurso que eleva o OUTRO (nazistas) e o transforma em autoridade.

A partir desta possibilidade de “conhecer” o outro, Bruno nega a ideologia dominante (nazistas) e percebe que a desigualdade é fruto do discurso nazista. Podemos atribuir o fato de Bruno ter repensado a respeito de sua igualdade com o outro (Shmuel), ao ponto de Bruno transformar-se no outro.

Esta cena pode ser representada no momento em que Bruno pega piolho e o pai resolve raspar seu cabelo, e ao olhar-se no espelho, vê e se reconhece no amigo Shmuel:

Quando se viu no espelho, Bruno não pôde evitar de pensar em como estava parecido com Shmuel, e ele se perguntou se as pessoas do outro lado da cerca teriam piolhos também e se era por isso que todas tinham as cabeças raspadas. (BOYNE, 2008, p. 161)

Portanto, o hiato, tratado em *OMPL*, refere-se ao entremeio que estabelece a omissão das palavras que designam o ódio e a superioridade dos nazistas pelos judeus, mas que pode ser e é muito clara durante a leitura do livro a ponto de transformar Bruno – OUTRO, em Bruno – outro, quando ele atravessa o entremeio (cerca).

3. Considerações Finais

Diante do exposto, concluímos que o *OMPL*, apesar de ter o Holocausto como pano de fundo, pode ser analisado com base em uma investigação do processo de outremização, fundamentada em teorias Pós-Coloniais, com aplicação dos tipos de outremização propostos por Spivak (1985) e nomeados por Bonnici (2005) como: *exploração física do território*, *denigração do nativo* e o *hiato*. A intenção de estabelecer os tipos de outremização no livro de Boyne (2008) foi mostrar que os estudos Pós-Coloniais contribuem não apenas com a literatura de narrativas de ex-colônias, mas permitem, através de seus conceitos-chave, relacionar obras contemporâneas com enredo histórico aos seus paradigmas. Para isso, concluímos também que o discurso influencia na formação identitária do ser humano e reflete em sua ideologia em qualquer momento histórico e em qualquer indivíduo, mesmo que este seja apenas um garoto “inocente” com nove anos, como é o caso de Bruno, que resolve romper com as regras e procura conhecer o outro lado da cerca.

Referências

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Key concepts in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.177-203.

BOYNE, John. **O menino do pijama listrado**. Trad. Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 186 p.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá, PR: EDUEM, 2009, v. 1, p. 257-286.

_____. **Teoria e crítica literária feministas: conceitos e tendências**. Maringá, PR: Eduem, 2007.

_____. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005. v. 1. 65 p.

_____. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá, PR: Eduem, 2000.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Trad. Adalberto de Oliveira Souza. **Série Apontamentos**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 1-30, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Gracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SPIVAK, G. C. The rani of sirmur: an essay in reading the archives. **History and Theory**, v. 24, n. 3, 1985, p. 247-272.

_____. Three women’s texts and a critique of imperialism. In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **The post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995, p. 269-272.

Recebido para publicação em 8 nov. 2010.

Aceito para publicação em 21 mar. 2011.